



FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 2 DE MARÇO, DE 2026 - 21H00



Nas primeiras imagens de “Roubei um Milhão” encontramos dois ingleses sentados à mesa de um luxuoso restaurante tropical (sabermos depois que se trata da cidade do Rio de Janeiro), enquanto um deles vai distribuindo notas e conta ao outro como se tornou milionário. Realmente só um milionário muito desprendido, lança notas à toa aos empregados, a organizações de senhoras da alta-rodas que lutam contra as revoluções, a obras sociais, ou mesmo a jovens meninas muito bonitas e cheias de futuro (ou não fosse essa Chiquita que surge nos momentos iniciais de “Roubei um Milhão” um dos primeiros papeis no cinema de Audrey Hepburn). Holland (Alec Guinness) é o narrador, de sorriso tímido e esbanjador de notas. Conta como antigamente era um honesto e solícito supervisor de banco, encarregue de acompanhar as barras de ouro que saíam da fundição e iam ser arrecadadas nos cofres do banco. É visto por

todos como um funcionário escrupuloso, metódico, rigoroso, maníaco nos pormenores, motivo mesmo de alguma chacota dos colegas. Alec Guinness é simplesmente brilhante na forma como encarna essa personagem cinzenta, acanhada, algo acabrunhada mesmo, que passa pela vida sem dar por ela. Dir-se-ia que assim era. Mas Holland tem sonhos secretos e um deles é ser milionário e tornar seus aqueles lingotes de ouro que diariamente transporta numa carrinha que, um dia, quem sabe?, pode ser assaltada por um gang de que ele seja o mentor. O “The Lavender Hill Mob”, o gang de Lavender Hill, nome de uma colina de Londres onde se reúnem os elementos escolhidos por Holland para levar a cabo tão extraordinária façanha. É assim, no Brasil, em jeito de conto de fadas, que começa esta comédia, dirigida por um sólido realizador inglês deste período, Charles Crichton, que realiza para os Ealing Studios outro clássico do humor inglês. Partindo desta narrativa, inicia-se um longo flashback que irá contar todas as peripécias deste roubo de um banco levado a cabo por um estranho grupo de zé ninguéns que assaltam a carrinha, desviam as barras de ouro, as fundem, delas fazem pequenas estatuetas de torres Eiffel que depois enviam para Paris como souvenirs, com a indicação de que aquelas duas caixas não se destinam a ser colocadas à venda. Mas uma excursão de jovens estudantes inglesas, empolgadas com as recordações, acabam por comprar seis dessas imagens e criar a histeria junto do grupo de assaltantes.

Como em quase todas as comédias dos Ealing Studios, os heróis são uns pobres de Cristo que, aparentemente, não têm onde cair mortos, mas que armazenaram dentro de si um capital de vingança ou de sede de justiça que os leva a ultrapassar uma série de perigos. A verdade é que a falta de experiência e de jeito parece tornar impossível o empreendimento, mas a sorte está do seu lado. Enfim, quase até ao fim, porque em todas estas comédias mais ou menos negras a justiça acaba por vencer, mas de uma forma algo capciosa. O politicamente correcto é restabelecido, mas o espectador fica com algumas dúvidas sobre a sua eficácia. Se a sorte favorece os meliantes, é igualmente a sorte que restabelece a justiça, o que deixa tudo em águas turvas. Isso mesmo nos dizem obras como “Whisky Galore!” (1949), “Passport to Pimlico” (1949), “Kind Hearts and Coronets” (1949), “The Lavender Hill Mob” (1951), “The Man in the White Suit” (1951), ou “The Ladykillers”, onde, de uma forma ou de outra, este esquema se repete.

De resto, o ambiente social que estes títulos nos oferecem da Inglaterra do pós-guerra é muito interessante e mesmo perturbador. Há um alternar de retratos de extractos sociais diversos muito curioso. Entre os aristocratas de “Kind Hearts and Coronets”, os banqueiros de “The Lavender Hill Mob” ou os donos de fábricas de “The Man in the White Suit” e os seus

opositores, herdeiros excluídos ou fiéis servidores revoltados, deixa-se entrever uma discreta e surda luta de interesses que só na aparência se resolve. Este humor amável, deliciosamente elegante e “distinto” acaba por esconder muita raiva e desencanto. Uma das marcas dos Ealing Studios, onde o homem comum sonha com um futuro radioso que chega a tocar, mas que rapidamente se esboroa. Os filmes não são resolutamente obras revolucionárias de sangue na guelra, mas sim melancólicas meditações sobre o destino cinzento de personagens que todavia conseguem tocar o céu e viver momentos de profunda felicidade. Quase sempre através de meios não muito lícitos, segundo as regras vigentes, é verdade. Mas os protagonistas destas aventuras marginais parecem aceitar sem grande mágoa o destino que os espera no final das suas aventuras/desventuras. O que os leva a intervir é o desejo de uns momentos de felicidade, a possibilidade de concretizar um sonho, de ir mais além do que o dia-a-dia sem horizontes do seu quotidiano. Os padrões de Holland definem-no assim: “A sua única virtude é a honestidade”. Suprema ironia, portanto.

O argumento de “Roubei um Milhão”, da autoria de T.E.B. Clarke, acabaria por ganhar o Oscar de Melhor Argumento do ano, e Alec Guinness esteve ainda nomeado para Melhor Actor. Muitas outras recompensas lhe foram devidas. Foi considerado o Melhor Filme inglês pelos BAFTAs, Charles Crichton foi nomeado Melhor Realizador pela Guida dos Realizadores dos EUA, Alec Guinness ganhou o prémio de Melhor Actor Estrangeiro do Sindicato dos Jornalistas Italianos e, no Festival de Veneza, T.E.B. Clarke foi considerado o Melhor Argumentista. Deve dizer-se porém que Stanley Holloway, na figura de Pendlebury, companheiro de Holland na congeminção deste golpe, é igualmente notável.

Lauro António



ROUBEI UM MILHÃO

Título original: The Lavender Hill Mob

Realização: Charles Crichton (Inglaterra, 1951); Argumento: T.E.B. Clarke; Produção: Michael Balcon, Michael Truman; Música: Georges Auric; Fotografia (p/b): Douglas Slocombe; Montagem: Seth Holt; Casting: Margaret Harper Nelson; Direcção artística: William Kellner; Guarda-roupa: Anthony Mendleson; Maquilhagem: Ernest Taylor, Harry Wilton, Barbara Barnard; Direcção de Produção: Slim Hand, Hal Mason; Assistentes de realização: Norman Priggen, John Meadows, Jim O'Connolly; Departamento de arte: Andrew Low, George Speller, Bob Tull; Som: Stephen Dalby; Efeitos especiais: Sydney Pearson; Efeitos visuais: Geoffrey Dickinson, Bryan Langley; Companhias de produção: J. Arthur Rank Organisation, Ealing Studios;

Com: Alec Guinness (Holland), Stanley Holloway (Pendlebury), Sidney James (Lackery), Alfie Bass (Shorty), Marjorie Fielding (Mrs. Chalk), Edie Martin (Miss Evesham), John Salew (Parkin), Ronald Adam (Turner), Arthur Hambling (Wallis), Gibb McLaughlin (Godwin), John Gregson, Clive Morton, Sydney Tafler, Marie Burke, Audrey Hepburn (Chiquita), William Fox, Michael Trubshawe, Ann Hefferman, Jacques B. Brunius, Eugene Deckers, Paul Demel, Andreas Malandrinos, Cyril Chamberlain, Tony Quinn, Moultrie Kelsall, Christopher Hewett, Meredith Edwards, Patrick Barr, David Davies, Robert Shaw, John Warwick, etc. Duração: 81 minutos;

Distribuição em Portugal: Zon Lusomundo; Classificação etária: M/ 12 anos; Data de estreia em Portugal: 6 de Janeiro de 1952

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 9 DE MARÇO DE 2026

Masterclass “Polícias e Ladrões- O Cinema à Lei da Bala”, 21H00 (entrada livre)

“VIGARISTAS DE BAIRRO”, de Woody Allen (2000)